# POESIA COMO PORTA-VOZ: TRAJETÓRIA E OBRA DE MARIA BARTYRA SOARES

Davi Reis Dantas[1]
Walter Valdevino do Amaral[2]

**RESUMO:** Entre poesias e contos, Maria Bartyra Soares escreve sua vida e deixa marcada dentro da literatura, ao mesmo tempo uma vivência individual e uma representação externa a si, de tudo aquilo que viu, viveu e sentiu. Nascida em Catende, Pernambuco, em 1949, filha do contista Pelópidas Soares e de Teresinha Soares, cresceu e passou sua infância entre a liberdade de uma cidade canavieira pernambucana e os livros, era uma estudante aplicada. Acompanhando sua trajetória desde o nascimento, a retinose pigmentar fez com que perdesse sua visão completamente nos seus primeiros anos como adulta, o que marcaria profundamente os caminhos aos quais enveredou e as formas com as quais expressaria sua arte. Ocupante da cadeira n. 37 na Academia Pernambucana de Letras desde 2015, Bartyra Soares segue escrevendo sobre o mundo, entre o intimismo de suas poesias e o quase que realismo fantástico de seus contos. É então a partir de historiografia, mais especificamente das contribuições teórico-metodológicas de Benito Bisso Schmidt sobre biografia (em diálogo com teóricos como François Hartog e Roger Chartier, sobre historicidade e representações), bem como das ideias de Durval Muniz sobre História, Literatura, que pretendemos interpretar Bartyra, seu tempo e sua obra.

**Palavras-chave:** Biografia. Literatura. Gênero.

## 1 PROPOSTAS PRELIMINARES ACERCA DA PESQUISA

Parte integrante do projeto que visa estudar todas as imortais que integram ou integraram a APL - Academia Pernambucana de Letras, o presente texto marca o início das pesquisas relativas à poetisa e contista Maria Bartyra Soares da Silva, objetivando não apenas um trabalho de levantamento biográfico, mas sim uma análise em conjunto com as obras da autora, que faça um diálogo constante entre as fontes biográficas encontradas e a produção literária da autora.

[1] Graduando em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Integrante voluntário do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. Email: davirdantas@gmail.com
[2] Docente do Curso de História da Universidade Católica de Pernambuco. Email: walterdoc@gmail.com

## 2 A BIOGRAFIA E A HISTÓRIA

Os primeiros contatos de um historiador -em formação- do século XXI com a pesquisa biográfica podem ser desconfortáveis, habituado a tantas vertentes e teorias historiográficas distintas, espelhos da sociedade contemporânea que, além de possuir uma relação complexa com a temporalidade, enxerga a importância dos indivíduos a partir de suas próprias insignificâncias, pensar-se escrevendo narrativas de histórias magistrais (nos moldes ciceronianos) parece um pouco fora de lugar. Mas, entendendo todo o percurso que a produção biográfica tomou durante os anos, destaco aqui a vasta produção do professor Benito Schmidt sobre o assunto, percebemos que é possível pensar e produzir trabalhos biográficos que escapem do já citado lugar comum, de trajetórias exemplares e lineares (AVELAR e SCHMIDT, 2018, p. 9), da biografia como gênero independente -motivo pelo qual sua produção foi relegada pela historiografia durante anos- e passar a operar seu uso junto a História.

Com a sua utilização por historiadores, a biografia passa a gerar novas reflexões metodológicas, quais objetos são passíveis de utilização? Se falarmos de nós mesmos durante nossas vidas, quais as ligações entre História e Memória serão necessárias? Ou se não falarmos, dificultamos o processo de um historiador? Se não construímos uma narrativa para inspirar, por que ou para que ela seria útil? No caso deste estudo, como veremos mais à frente, até onde podemos ir com a literatura? Principalmente quando o autor não escreve diretamente sobre si em suas obras, até onde podemos utilizá-las para entendê-lo?

Aqui, as reflexões trazidas por mais três nomes dentro da historiografia brasileira me foram muito caras, Margareth Rago, quando produziu sua obra sobre “a escrita de si” por mulheres anarquistas no século XX (RAGO, 1997), Durval Muniz, quando explora as possibilidades entre História e Literatura (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2019) e, por fim, Temístocles César, que me fez refletir sobre o não lugar, essa não escrita de si, ao menos não diretamente. Com toda essa base, iniciar um processo de escrita do outro, ou até de produzir algo que seja como uma interpretação de personagens, como conclui Schmidt (2018, p. 30), deixou de ser desconfortável e passou a ser uma aventura, que procure menos modelos plenos de vida e mais simples iluminações, freixos de existência,

que flutuam como poeiras ao sol, mostrando que tudo carrega significados diversos (capazes de inspirar sentidos e escolhas) e é insignificante ao mesmo tempo.

## 3 LEVANTAMENTO INICIAL DE FONTES

Com as primeiras bases teóricas estabelecidas, pretendemos trabalhar dois tipos de fontes, as biográficas, que não servirão apenas a explícita função de contar os acontecimentos da vida de Bartyra, mas serão eles mesmos, em suas origens; plataformas; autores e meios de circulação, os objetos passíveis de análise, pois nos fornecem informações cruciais para entender de que forma Bartyra é lida, por onde circula e como se dá o reconhecimento (ou não) de sua figura e obra. A segunda fonte, como já explicitadas aqui, serão as obras literárias da autora, que se analisadas com cautela e empenho teórico, podem nos servir de variadas formas.

Em um levantamento inicial de fontes sobre a vida da escritora, foram encontrados três tipos, os mais distantes sendo notícias e artigos em jornais, majoritariamente sobre lançamento de obras. O segundo tipo são os blogs literários, representantes de um importante papel no cenário regional literário, devido sua própria natureza individual, já que considerável parte dos escritores da APL não figuram entre os livros mais lidos, comprados, nem se apresentam como influentes pensadores no cenário intelectual público. O que nos leva para a terceira fonte, que são as próprias produções da APL sobre seus autores, como exemplo da obra Perfis Acadêmicos da APL, organizada pela também imortal Fátima Quintas e publicada pela editora recifense Bagaço em 2016, onde Bartyra fala de sua vida através de um texto autobiográfico intitulado “Canto de Revelação”, discorrendo sobre suas influências, desde a infância em Catende até sua chegada em Recife, já na maioridade, onde passou a dedicar-se inteiramente à Literatura, muito por conta da retinose pigmentar, condição que afetou sua visão, inicialmente de forma parcial e, mais tarde, integralmente.

Depois de reunidas, classificadas e analisadas as fontes biográficas, passamos a analisar as próprias obras literárias da autora como meio de entender diferentes planos, de que maneira sua vida ressoa em sua obra e o que tiramos de sua arte. É essencial dizer que o levantamento de fontes para este trabalho foi realizado de forma

predominantemente virtual -salvo o contato com algumas obras físicas da autora-, por motivos sanitários resultantes da pandemia de Covid-19, por tanto ainda não foram trabalhados os acervos físicos, em especial as fontes que se encontram na própria sede da APL, no bairro da Jaqueira, em Recife e o acervo de periódicos pernambucanos presentes na hemeroteca do Arquivo Público de Pernambuco, também em Recife.

## 4 BARTYRA, TRAJETÓRIA E OBRA

Nascida em Catende, município da Zona da Mata Pernambucana, região de canaviais, numa casa herdada por sua mãe, que ela descreve como sendo a própria representação arquitetônica das casas grandes características da região: "Aquela casa de salas enormes e aposentos que se desdobravam, um após o outro, numa espantosa sucessão" (SOARES, 2016, p. 423). A forma de descrever os espaços a partir da relação que um tem com eles é uma das características que Bartyra traz não só nos relatos de sua vida, mas também em suas próprias obras literárias, como abordarei mais adiante. Ainda sobre sua relação com a casa, afirma:

> Sim, aquela casa me habitava por inteiro. Não me foi difícil conquistá-la e habitar os seus desvãos e relatos. Éramos o silêncio e a palavra uma da outra, o arrebatamento e o recato. Fui, ao mesmo tempo, plateia e protagonista de seus segredos e labirintos, do fluir de suas sombras. Fomos uma história que permanentemente se narrava com invariáveis fios de meios-tons (SOARES, 2016, p. 423 e 424).

Afirma ter sido desde sempre apegada às letras, estudante aplicada, o que refletiu em sua formação com láurea no magistério do Colégio Santa Terezinha. A memória de sua infância é marcada por esses dois fatores, sua relação com as espacialidades de Catende, as praças; o abacateiro; o canavial com suas subidas e descidas; os rios Panelas e Piranji; seu quintal e os pombos e sua relação com os livros; os dicionários e a poesia. Podemos encontrar estes dois aspectos juntos em uma de suas primeiras tentativas na poesia e uma das mais antigas que Bartyra tem lembrança: "Ai quem me dera, ai quem me dera as asas de um pombo ter / para apreciar lá das alturas a beleza do sublime entardecer".

O contato com os livros e, mais especificamente, a escrita, foram motivados desde a infância por seus pais, o casal Pelópidas Soares e Teresinha Soares, o que resultou na sua primeira publicação, um poema no suplemento infantil do Diário de Pernambuco, em 1956 ou 1957. Vai para o Recife apenas em 1984 (mais de uma década depois de ter publicado sua primeira obra) para estuda inglês e lecionar em escolas secundárias e superiores. Acompanhada desde a infância pela retinose pigmentar, condição hereditária responsável pela degeneração da retina, foi impedida de dar continuidade a profissão de professora e passou a dedicar-se inteiramente à produção literária. Apesar de ter sido decisiva para os rumos que sua vida tomaria, Bartyra sustenta que sua perda de visão não constituiu barreira no que diz respeito a sua inserção ao mundo das letras, em entrevista para Cecília Beltrão, no Blog Dona da Palavra, em julho de 2016.

## 4.1 ESCREVER SOBRE SI OU NÃO ESCREVER (O *NÃO BIOGRÁFICO*)

É evidente que, até o momento, as fontes biográficas utilizadas restringem-se ao que a própria autora conta sobre si. Utilizamos duas entrevistas e uma breve autobiografia como únicas fontes que me levassem a entender a vida de Bartyra, todos os outros materiais encontrados que falassem sobre sua trajetória remetiam a essas mesmas três fontes, sintoma que talvez revele uma circulação quase reservada de sua obra, fator que deverá ser investigado e analisado ao decorrer de nossas pesquisas[3].

Procuramos então, como proposto nas delimitações preliminares da pesquisa, utilizar o diálogo entre as fontes biográficas encontradas e a própria obra literária da autora, já que, nas palavras de Margareth Rago, “Especialmente forte é o contraste do ato de falar de si sem constituir uma narrativa autobiográfica, de produzir um eu fictício para expressar uma crítica social à identidade feminina” (RAGO, 2018. p. 219). E especificamente na obra de Bartyra Soares o falar de si é algo implícito, quase inexistente à primeira vista, e em raras exceções fica mais claro, como em alguns de seus contos, nos quais se permite ser um narrador personagem, mesmo que sem sua identidade explicitada.

[3] É importante deixar clara a necessidade de distanciamento com nosso objeto de estudo, sobretudo neste ponto, já que um enaltecimento vazio de sua obra, ignorando seu real alcance, ou uma abnegação igualmente vazia de sua contribuição, devido uma circulação restrita, fariam desta pesquisa um mero artigo de opinião.

Aqui destacamos como exemplo o conto intitulado "Gabo", parte de seu livro "Três Curvas e Outras Reviravoltas" (2018), onde narra uma história que mais parece um sonho, seu encontro com os personagens da obra "Cem Anos de Solidão", de Gabriel García Márquez, fazendo uma clara referência não só às suas influências literárias, mas sua relação com a solidão, tema presente em várias outras de suas obras. O escrever sobre si em Bartyra pode e deve ser entendido dentro de sua própria literatura, indo mais além, podemos entender Bartyra por aquilo que não escreve sobre si, mas sobre o mundo.

## 5 SUBJETIVIDADE EM BARTYRA

A subjetividade que trabalharemos em Bartyra pode ser o ponto mais esclarecedor para interpretarmos sua obra, isto porque, de acordo com ela mesma, em entrevista realizada ao Blog Dona da Palavra, em 2016, "Nasci com visão parcial, vindo a perder a sequência dos limitantes horizontes na fase adulta. Hoje, para mim, tudo é mais amplo, desafiador e indescritível, o que torna meu universo de poeta inalcançável, até mesmo para os meus sonhos".

"Um universo de poeta que é inalcançável para sua capacidade de pôr em palavras, visto que é inalcançável até para seus sonhos. Delimitamos assim, nossas bases para as futuras interpretações de seu pensamento, dentro de sua arte, que dialoga com aquilo que o ser humano, mesmo deixando de ver, continua a sentir e tem a necessidade de expressar, e o faz através da linguagem, mas não a linguagem exata e racional, mas através do que ela mesma não consegue explicar, do subjetivo. Sobre o que a Literatura tem a nos dizer a respeito de nossas existências, Durval Muniz afirma

> A Literatura ameaça a História à medida que nela ainda vem se alojar o estranhamento como nossa condição de existência, tanto coletiva, como individual. Na Literatura, os acontecimentos ainda não chegam racionalizados, podem vir como impressões e digressões, como expressão de sentimentos (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2019. p. 54).

### 5.1 ESPACIALIDADE E TEMPORALIDADE

Dentro da subjetividade de sua obra, podemos encontrar e explorar características que estão ligadas diretamente ao modo com que Bartyra enxerga o mundo em sua volta e

como se expressa. Duas dessas características são mais visíveis e expressam-se em dois níveis, por si mesmas e em uma relação interdependente. A primeira delas é a espacialidade, já apresentada no começo deste artigo, onde Bartyra utiliza de relações com objetos, espaços e paisagens para expor sentimentos e visões. A relação e os usos que Bartyra faz das luzes e das sombras geraram dois livros de poesias, "Sombras consolidadas" (1980) e, posteriormente, "Arquitetura da Luz" (2004).

Sua relação com a luz é inclusive um dos pontos de diálogo da autora com outra imortal já citada neste trabalho, Fátima Quintas, o que resultou na obra de ensaios "Fátima Quintas: ante a chama das velas" (2017), onde Bartyra expõe os diálogos entre as duas e diz de forma introdutória que "Fátima é autobiográfica, é solitária, é clariceana: cose pra dentro" (SOARES, 2017, p. 8).

A segunda característica de sua subjetividade é a temporalidade, que a escritora utiliza em dois planos, o da ficção, para dar sentido ao enredo, mas que assume caráter interior de sua própria percepção de tempo, o da temporalidade ligada diretamente a espacialidade, numa relação que classificamos como interdependente e vemos refletida em obras como "Da Permanência e da Temporalidade. (Um Tempo de Catende)" (1987) e "Recife em Tom Menor" (2018), ambas obras de poesias, nas quais Bartyra desenvolve suas percepções acerca dos espaços em que habitou ou habita.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É mais do que evidente, pela profundidade de sua obra e pela posição que ocupa no cenário literário, que Bartyra Soares compõe um seleto grupo de escritoras pernambucanas, mas que atualmente parece não ser conhecido pela grande massa de leitores. Este fato por si só já mostra uma necessidade de se explorar a obra da autora tanto em termos literários, como em termos pessoais, ligados à sua trajetória, como foi proposto por nós.

Cabe-nos então seguir por dois pontos principais no desenvolver do projeto, o primeiro é buscar fontes que nos ajudem a construir uma narrativa biográfica, mas que não venham da própria autora, que não estejam ligadas com suas memórias e seu processo de escrita, para que assim possamos delimitar bases historiográficas firmes o suficiente

para dialogar com o subjetivo presente em sua obra (apresentado de forma inicial aqui) e produzir uma obra biográfica que não fique limitada aos acontecimentos lineares de uma vida como tantas outras, mas que mergulhe profundamente nos lastros de vida que Bartyra registra através das palavras, da poesia como porta-voz.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **História: a arte de inventar o passado (ensaios de Teoria da História).** Curitiba: Editora Appris, 2019. p. 47-72.

CAVALCANTI, Luíza Vieira; AMARAL, Walter Valdevino. 'Que direi de mim se me perguntarem quem sou?': Histórias e subjetividades na escrita de Fátima Quintas. *In*: **Seminário de história e gênero**: gênero, ditadura e autoritarismo, 2020, Fortaleza. Fortaleza: UFC, 2020. p. 79-89. Disponível em: < https://3ad43db3-ed90-4daa-8072-ca99c9b0209c.filesusr.com/ugd/0daa97_64c20c98c04243e1a9e77cac1df67f2a.pdf>. Acesso em: 03/11/2021.

CEPE EDITORA: **Autores: Bartyra Soares.** Disponível em: <http://editora.cepe.com.br/autor/bartyra-soares>. Acesso em: 01/11/2021.

CEZAR, Temístocles. Bartleby & Nulisseu: A arte de contar histórias de vida sem biografias. *In:* AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **O que pode a biografia.** São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 223-238.

DOMINGO COM POESIA. **Entrevista Com A Escritora Pernambucana Bartyra Soares.** Disponível em: <http://www.domingocompoesia.com.br/2021/03/entrevista-com-escritora-pernanbucana.html>. Acesso em: 01/11/2021.

DONA DA PALAVRA. **Escrever além dos limites - entrevista com Bartyra Soares.** Disponível em: <https://www.donadapalavra.com.br/single-post/2016/10/19/escrever-além-dos-limites-entrevista-com-bartyra-soares>. Acesso em: 02/11/2021.

RAGO, Margareth. Autobiografia, gênero e escrita de si: Nos bastidores da pesquisa. *In:* AVELAR, Alexandre de Sá; SCMIDT, Benito Bisso (org.). **O que pode a biografia.** São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 205-222.

SCMIDT, Benito Bisso. Contar vidas em uma época presentista: A polêmica sobre a autorização prévia. *In:* AVELAR, Alexandre de Sá; SCMIDT, Benito Bisso (org.). **O que pode a biografia.** São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 17-31.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 03/11/2021.

SOARES, Maria Bartyra. **Labirinto das águas.** Recife: Edições Novo Horizonte, 2018.

SOARES, Maria Bartyra. **Recife em tom menor.** Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2017.

SOARES, Maria Bartyra. **Três curvas e outras reviravoltas.** Recife: Edições Novo Horizonte, 2018.

VALENÇA, Alberto. Blog Verdades de Um Ser. **Arquitetura dos Sentidos (livro).** Disponível em: <https://verdadesdeumser.com.br/2014/11/25/arquitetura-dos-sentidos-livro/>. Acesso em: 03/11/2021.